

José Geraldo Amino tem outra paixão: os “Westerns”

Para o diretor-administrativo da SBC, José Geraldo de Castro Amino, assunto tão sério como a Cardiologia são os westerns, os filmes de “mocinho-e-bandido”. Prova disso são suas aulas e conferências, durante as quais gosta de usar como ilustração um ou outro slide dos filmes clássicos, que por sinal ele identifica mais pelos títulos em inglês que português.

Amino discute quem foram os maiores diretores de westerns, com destaque especial para John Ford. Ele lembra de memória em que locação cada filme foi feito, pois embora sejam famosas as montanhas do Arizona, sempre encimadas pelos penachos de apaches e sioux loucos por escalpos, ele garante que os clássicos mesmo foram filmados nos desertos de Utah, principalmente numa região conhecida como “Monument Valley” e é capaz de dar uma aula sobre o único filme de “mocinho-e-bandido” em que foi recitado um trecho de Shakespeare, “My darling Clementine”. “O bandido tenta impedir o poeta de fazer a declamação e recebe um “cala boca” de ninguém menos que Doc Holliday”, ensina ele.

A origem da curtição vai longe no tempo. Amino lembra que tinha 10 anos quando um tio libanês, José Mauad, ainda em Juiz de Fora, onde morava, começou a levá-lo nos fins de semana para assistir westerns em preto-e-branco. “Meu tio não falava uma palavra de inglês e nunca aprendeu a ler as legendas em nossa língua”, relembra Amino, mas se encantava com o sentido filosófico dos filmes. Com imensa sensibilidade, ele mostrava como os filmes retratavam a cultura norte-americana, o maniqueísmo que separava o mocinho do bandido, esse sempre extremamente mau, sem nenhum laivo de bondade, a crença no valor do amor e no triunfo da Justiça, que nos filmes torna obrigatório o “happy end”. “Meu tio dizia que os filmes eram uma verdadeira lição de ética, moralidade e sentimento de justiça”.

A paixão pelos filmes criou raízes profundas no futuro cardiologista, tanto que uma das fotos preferidas de Amino foi tirada diante do “Chinese Theater”, de Los Angeles, ao lado do filho, então com 12 anos, ambos junto da indelével marca das botas de John Wayne na placa de cimento. “É gozado, um homenzarrão daqueles, e tinha um pezinho de criança”. Para o mesmo filho, mas anos antes, quando fez 7 anos, a festa de aniversário foi montada pelo cardiologista Sergio Sá, seu amigo e, infelizmente, já falecido, também baseada num western, e o aniversariante, transformado no mocinho “John John” matava um a um todos os convivas, que faziam papel de bandido.

Para José Geraldo de Castro Amino, o maior diretor é, sem dúvida, John Ford, mas um dos grandes foi também Howard Hawks, e uma de suas melhores obras foi “Rio Bravo”, que ele tem em uma de suas coleções em DVD. Ele também admira os não clássicos, chamados de “faroeste B” (al-

guns entendidos dizem que estes, na verdade, são os melhores) e enumera suas preferências, “Stagecoach”, traduzido como “No Tempo das Diligências”, “The Searchers”, que no Brasil apareceu como “Rastros de Ódio” e, como admirador da arte, não se conforma com os “western spaghetti”, embora encontre algumas virtudes no “Dólar Furado”.

Radical, Amino afirma que italiano fazendo western é a quase a mesma coisa que brasileiro tocando jazz, fica longe do original. A tristeza é que o tempo dos westerns já passou, ele só os revive num canal da NET, que, às vezes, reprisa os clássicos, ou em DVDs, na pequena mas selecionada biblioteca sobre o assunto e na memória. “Acho que o último western feito foi ‘The Unforgiven’, que no Brasil se chamou ‘Os Imperdoáveis’ e que foi dirigido por Clint Eastwood, para mim, um genial diretor”. Para o cardiologista, foi um western tão bom, que mereceu fechar a era com chave de ouro.

